

amanhecer





amanhecer

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE



Copyright © 2008 Stephenie Meyer
Publicado mediante acordo com
Little Brown and Company, Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

Título original
Breaking Dawn

Adaptação do projeto gráfico
Angelo Bottino

Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Revisão
Umberto Figueiredo Pinto
Maria José de Sant'Anna

Foto da autora
David Stone

Citação da página 283 extraída de *Empire*, de
Orson Scott Card, publicado por Tom Doherty
Associates, LLC. Copyright © 2006 Orson Scott
Card. Reproduzida com permissão do autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M561a

Meyer, Stephenie, 1973-
Amanhecer / Stephenie Meyer ; tradução de Ryta
Vinagre. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.
576p. : 23cm

Tradução de: Breaking Dawn
ISBN 978-85-98078-46-5 (CAPA ORIGINAL DA SÉRIE)
ISBN 978-85-8057-068-7 (CAPA INSPIRADA NO PÔSTER DO FILME - PARTE 1)

1. Ficção americana. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

11-5443.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel. e Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Este livro é dedicado a minha agente/ninja, Jodi Reamer.
Obrigada por evitar que eu caia do precipício.*

*E obrigada também à minha banda preferida,
Muse, de nome muito apropriado,
por fornecer inspiração digna de uma saga.*

← →

LIVRO UM



bella

*A infância não vai do nascimento até certa idade, e a certa altura a criança está crescida, deixando de lado as coisas de criança.
A infância é o reino onde ninguém morre.*

Edna St. Vincent Millay

PRÓLOGO

EU JÁ TIVERA MAIS DO QUE UMA QUOTA JUSTA DE EXPERIÊNCIAS DE quase morte; isso não é algo com que você se acostume.

Mas parecia estranhamente inevitável enfrentar a morte outra vez. Como se eu *estivesse* mesmo marcada para o desastre. Eu havia escapado repetidas vezes, mas ela continuava me rondando.

Ainda assim, dessa vez foi diferente.

Pode-se correr de alguém de quem se tenha medo; pode-se tentar lutar com alguém que se odeie. Todas as minhas reações eram preparadas para aqueles tipos de assassinos — os monstros, os inimigos.

Mas quando se ama aquele que vai matá-la, não restam alternativas. Como se pode correr, como se pode lutar, quando essa atitude magoaria o amado? Se sua vida é tudo o que você tem para dar ao amado, como não dá-la?

Quando ele é alguém que você ama de verdade.

1. NOIVA

NINGUÉM ESTÁ OLHANDO PARA VOCÊ, GARANTI A MIM MESMA. NINGUÉM está olhando para você. Ninguém está olhando para você.

Como eu não conseguia mentir de modo convincente nem mesmo para mim, tive de verificar.

Enquanto esperava que um dos três sinais de trânsito da cidade abrisse, olhei para a direita — na minivan, a Sra. Weber tinha virado todo o corpo para mim. Os olhos dela perfuravam os meus, e eu me encolhi, me perguntando por que ela não desviava o olhar ou demonstrava constrangimento. Ainda era considerado falta de educação encarar as pessoas, não era? Isso não se aplicava mais a mim?

Depois me lembrei de que aquelas janelas eram tão escuras que ela não devia fazer ideia de que era eu que estava ali, menos ainda de que eu havia flagrado seu olhar. Tentei me reconfortar um pouco com o fato de que ela não estava olhando a mim, só o carro.

Meu carro. Suspiro.

Olhei para a esquerda e gemi. Dois pedestres estavam paralisados na calçada, perdendo a oportunidade de atravessar por estarem olhando o carro. Atrás deles, o Sr. Marshall olhava feito um parvo pela vitrine de sua lojinha de presentes. Pelo menos ele não estava com o nariz achatado contra o vidro. Ainda.

O sinal ficou verde, e na pressa para escapar pisei fundo no acelerador, sem pensar — como normalmente teria feito para colocar em movimento minha antiga picape Chevy.

O motor rugiu como uma pantera caçando, o carro deu um solavanco tão forte para a frente que meu corpo bateu contra o encosto do banco de couro preto e meu estômago se achatou de encontro à coluna.

— Ai! — arfei enquanto procurava o freio. Mantendo a calma, apenas toquei o pedal. O carro deu uma sacudidela e ficou completamente imóvel.

Não consegui olhar as reações à minha volta. Se houvesse alguma dúvida sobre quem estava dirigindo o carro, agora ela deixara de existir. Com a ponta do sapato, cutuquei o pedal do acelerador meio milímetro, e o carro se lançou para a frente de novo.

Consegui chegar ao meu destino: o posto de gasolina. Se eu não estivesse dirigindo só com o cheiro da gasolina, de jeito nenhum teria ido à cidade. Eu estava passando sem muitas coisas ultimamente, como torradas Pop-Tarts e cadarços, só para não aparecer em público.

Agindo como se estivesse em uma corrida, abri o tanque, passei o cartão e encaixei a mangueira de combustível em segundos. É claro que não havia nada que eu pudesse fazer para que os números no medidor andassem mais rápido. Eles mudavam lentamente, quase como se quisessem me irritar.

Não era um dia claro — um típico dia chuvoso em Forks, Washington —, mas eu ainda tinha a sensação de que havia um holofote focado sobre mim, chamando a atenção para a delicada aliança em minha mão esquerda. Em ocasiões como aquela, sentindo olhares nas minhas costas, parecia que a aliança pulsava como uma placa de neon: *Olhem para mim. Olhem para mim.*

Era idiotice ficar tão sem graça, e eu sabia disso. Além de meu pai e de minha mãe, será que importava realmente o que as pessoas diziam sobre meu noivado? Sobre meu carro novo? Sobre minha misteriosa admissão numa universidade da Ivy League? Sobre o cartão de crédito preto e reluzente que agora parecia arder no meu bolso de trás?

— É, quem liga para o que eles pensam? — murmurei.

— Hmm, moça? — uma voz de homem chamou.

Eu me virei, e então desejei não ter feito aquilo.

Dois homens estavam parados atrás de um 4 x 4 caro, com caiaques novos em folha no *rack* do teto. Nenhum deles olhava para mim; os dois tinham os olhos fixos no carro.

Pessoalmente, eu não entendia. Já me orgulhava de poder distinguir entre os logos da Toyota, da Ford e da Chevrolet. Aquele carro era preto, reluzente e lindo, mas para mim ainda era só um carro.

— Desculpe incomodá-la, mas poderia me dizer que modelo é esse que está dirigindo? — perguntou o alto.

— Hã, é um Mercedes, não é?

— Sim — disse o homem com educação, enquanto o amigo mais baixo revirava os olhos diante da minha resposta. — Eu sei. Mas eu estava me perguntando se você... está dirigindo um Mercedes *Guardian*? — O homem disse o nome com reverência. Tive a sensação de que aquele sujeito iria se dar bem com Edward Cullen, meu... meu noivo (ultimamente não havia como fugir da realidade do casamento dali a alguns dias). — Eles ainda não devem estar disponíveis nem na Europa — continuou o homem —, que dirá aqui.

Enquanto meus olhos acompanhavam as linhas de meu carro — não me parecia muito diferente de outros Mercedes sedãs, mas o que eu entendia do assunto? —, pensei brevemente em meus problemas com palavras como *noivo*, *casamento*, *marido* etc.

Eu não conseguia aceitar aquilo.

Por um lado, fui criada para me encolher só de pensar em vestidos brancos e buquês de noiva. Mais do que isso, porém: eu não conseguia harmonizar um conceito tradicional, respeitável e tedioso como *marido* com meu conceito de *Edward*. Era como imaginar um arcanjo como um contador; eu não conseguia visualizá-lo em nenhum papel comum.

Como sempre, assim que comecei a pensar em Edward, fui apanhada numa vertigem de fantasias. O estranho teve de pigarrear para chamar minha atenção; ainda esperava por uma resposta sobre a fabricação e o modelo do carro.

— Não sei — eu respondi com sinceridade.

— Posso tirar uma foto dele?

Precisei de um segundo para processar o pedido.

— De verdade? Quer tirar uma foto do carro?

— Claro... Ninguém vai acreditar em mim se eu não tiver a prova.

— Hã. Tudo bem. Pode tirar.

Rapidamente tirei a mangueira de gasolina e me esgueirei para o banco da frente a fim de me esconder enquanto o cara fissurado pegava na mochila uma câmera que parecia profissional. Ele e o amigo se revezaram posando junto ao capô e depois tiraram fotos da traseira.

— Ai, que saudades da minha picape — choraminguei comigo mesma.

Fora mesmo muito conveniente — conveniente demais — que minha picape desse seu último suspiro semanas depois de Edward e eu fecharmos nosso acordo desigual, e um detalhe do acordo era que Edward poderia substituir minha picape quando ela morresse. Ele jurou que era apenas o esperado; que a picape tinha tido uma vida plena e longa e depois falecera, de causas naturais.

Isso é o que ele diz. E, é claro, eu não tinha como verificar sua história ou tentar, sozinha, erguer a picape de entre os mortos. Meu mecânico preferido...

Eliminei esse pensamento, recusando-me a levá-lo a uma conclusão. Em vez disso, voltei a atenção para as vozes dos homens do lado de fora, abafadas pela lataria do carro.

— ... atacado com um lança-chamas num vídeo *on-line*. Nem enrugou a pintura.

— É claro que não. Até dá para passar com um tanque por cima desse bebê. Mas não tem muito mercado por aqui. Foi projetado basicamente para diplomatas do Oriente Médio, traficantes de armas e chefões das drogas.

— Acha que *ela* é alguma coisa? — perguntou o mais baixo, reduzindo o volume da voz.

Baixei a cabeça com o rosto em brasa.

— Hmmm — murmurou o alto. — Talvez. Nem imagino para que alguém precisa de vidro à prova de mísseis e duzentos quilos de blindagem por aqui. Deve estar indo a um lugar mais perigoso.

Blindagem. *Duzentos quilos* de blindagem. E vidro à prova de *mísseis*? Que ótimo. O que aconteceu com o bom e velho vidro à prova de balas?

Bom, pelo menos isso fazia algum sentido — para quem tem um senso de humor meio distorcido.

Não é que eu não esperasse que Edward tirasse proveito de nosso acordo, fazendo a balança pender para o lado dele, dando-me muito mais do que receberia. Eu concordei que ele substituiria minha picape quando fosse necessário, sem esperar que esse momento chegasse tão cedo, é claro. Quando fui obrigada a admitir que a picape não passava de um tributo em natureza-morta aos Chevys clássicos no meu meio-fio, sabia que a ideia que ele fazia de substituição ia acabar me deixando constrangida. Ia me tornar o foco de olhares e cochichos. Eu tinha razão quanto a essa parte. Mas mesmo em minhas mais sinistras concepções não previ que ele me daria *dois* carros.

O carro de “antes” e o carro de “depois”, explicou-me quando eu pirei.

Aquele era só o carro de “antes”. Ele me disse que era emprestado e prometeu que o devolveria depois do casamento. Tudo aquilo não fazia qualquer sentido para mim. Até então.

Rá-rá. Ao que parecia, porque eu era tão fragilmente humana, tendia tanto a me acidentar era tão vítima de minha própria e perigosa falta de sorte, precisava de um carro que resistisse a tanques para me manter segura. Hilário. Eu tinha certeza de que ele e os irmãos riram da piada pelas minhas costas.

Ou talvez, só talvez, sussurrou uma vozinha em minha cabeça, *não seja uma piada, sua boba. Talvez ele realmente se preocupe com você. Não seria a primeira vez que ele teria exagerado um pouco, tentando protegê-la.*

Eu suspirei.

Ainda não vira o carro de “depois”. Estava escondido embaixo de uma lona no fundo da garagem dos Cullen. Eu sabia que àquela altura a maioria das pessoas teria dado uma espiada, mas eu não era curiosa.

Provavelmente, não haveria blindagem nesse outro carro — porque eu não precisaria disso depois da lua de mel. A quase indestrutibilidade era só uma das muitas vantagens por que eu ansiava. O melhor de ser uma Cullen não eram os carros caros e os cartões de crédito que impressionavam.

— Ei — falou o alto, colocando as mãos em concha no vidro, tentando me enxergar. — Já acabamos. Muito obrigado!

— Não há de quê — eu disse, e então, tensa, liguei o motor e pisei no pedal bem delicadamente...

Não importava quantas vezes eu passasse pela tão conhecida estrada para casa, ainda não conseguia fazer com que os cartazes desbotados pela chuva desaparecessem ao fundo. Cada um deles, colados nos postes telefônicos e em placas de rua, era como um tapa na cara. Um merecido tapa na cara. Minha mente foi levada de volta ao pensamento que eu interrompera um pouco antes. Eu não conseguia evitá-lo naquela estrada. Não com as imagens de *meu mecânico preferido* passando por mim a intervalos regulares.

Meu melhor amigo. Meu Jacob.

Os cartazes de VOCÊ VIU ESSE GAROTO? não foram ideia do pai de Jacob. Foram do *meu* pai, Charlie, que os imprimiu e espalhou por toda a cidade. E não só por Forks, mas por Port Angeles, Sequim, Hoquiam, Aberdeen e em cada cidade da península de Olympic. Ele se certificou de que todas as delegacias no estado de Washington tivessem o mesmo cartaz pendurado na parede. Sua própria delegacia tinha um quadro de cortiça dedicado à procura de Jacob. Um quadro que estava praticamente vazio, para decepção e frustração dele.

Meu pai não estava decepcionado só com a falta de resposta. Estava muito decepcionado com Billy, o pai de Jacob, e melhor amigo de Charlie.

Porque Billy não está se envolvendo mais nas buscas por seu filho “foragido” de 16 anos. Porque Billy se recusa a colocar os cartazes em La Push, a reserva na costa, que era o lar de Jacob. Porque ele parece ter se resignado com o desaparecimento do filho, como se não houvesse nada que pudesse fazer. Por ele dizer: “Agora Jacob é adulto. Se quiser, vai voltar para casa.”

E ele estava frustrado comigo, por ficar do lado de Billy.

Eu também não colocaria os cartazes. Porque Billy e eu sabíamos mais ou menos onde Jacob estava, e também sabíamos que ninguém tinha visto aquele *garoto*.

Os cartazes me trouxeram o habitual nó à garganta, as habituais lágrimas ardendo em meus olhos, e fiquei feliz por Edward ter saído para caçar naquele sábado. Ver minha reação só serviria para deixá-lo péssimo também.

É claro que havia desvantagens por ser sábado. Enquanto eu entrava devagar e com cuidado na minha rua, pude ver a viatura de meu pai na entrada de casa. Hoje ele não fora pescar de novo. Ainda chateado com o casamento.

Então eu não ia conseguir usar o telefone de casa. Mas *precisava* telefonar...

Estacionei no meio-fio atrás da escultura do Chevy e peguei no portaluvas o celular que Edward me dera para as emergências. Disquei, mantendo o dedo no botão “End” enquanto o telefone tocava. Só por garantia.

— Alô? — Seth Clearwater atendeu, e eu suspirei de alívio. Eu era covarde demais para falar com a irmã mais velha dele, Leah. A expressão “arrancar minha cabeça” não era inteiramente uma figura de linguagem quando se tratava de Leah.

— Oi, Seth. É Bella.

— Ora, viva, Bella! Como você está?

Engasgada. Desesperada para que alguém me tranquilizasse.

— Bem.

— Querendo saber das últimas?

— Você é paranormal.

— Nem tanto. Não sou Alice... Você é que é previsível — brincou ele.

Do grupo quileute de La Push, só Seth ficava à vontade em mencionar os Cullen pelo nome — que dirá brincar com coisas como minha futura cunhada onisciente.

— Sei que sou. — Hesitei por um minuto. — Como ele está?

Seth suspirou.

— O mesmo de sempre. Ele não fala, embora a gente saiba que ouve. Está tentando não pensar como *humano*, sabe como é. Só seguir seus instintos.

— Sabe onde ele está agora?

— Em algum lugar no norte do Canadá. Não sei lhe dizer que província. Ele não presta muita atenção nas divisas territoriais.

— Algum indício de que ele possa...

— Ele não vai voltar, Bella. Desculpe.

Engoli em seco.

— Está tudo bem, Seth. Eu sabia antes mesmo de perguntar. Só não consigo deixar de querer isso.

— É. Todos sentimos o mesmo.

— Obrigada por me aturar, Seth. Sei que os outros devem criar dificuldades para você.

— Eles não são seus maiores fãs — concordou ele, alegremente. — Mas eu acho isso meio idiota. Jacob tomou a decisão dele, você tomou a sua. Jake mesmo não gostou da atitude deles com relação a isso. É claro que ele não fica também superemocionado por você estar procurando saber dele.

Eu arfei.

— Pensei que ele não estivesse falando com você.

— Ele não pode esconder tudo de nós, por mais que tente.

Então Jacob sabia que eu estava preocupada. Eu não tinha certeza de como me sentia com relação a isso. Bom, pelo menos ele sabia que eu não fugira ao pôr do sol e me esquecera completamente dele. Ele podia ter imaginado que eu fosse capaz disso.

— Acho que verei você no... casamento — eu disse, obrigando a palavra a sair por entre os meus dentes.

— É, eu e minha mãe estaremos lá. Foi gentil de sua parte nos convidar.

Sorri com o entusiasmo na voz dele. A ideia de convidar os Clearwater foi de Edward. Fiquei feliz que ele tivesse pensado nisso. Ter Seth ali seria ótimo — um elo, embora tênue, com meu padrinho desaparecido.

— Não seria o mesmo sem vocês.

— Diga a Edward que mandei lembranças, está bem?

— Pode ter certeza.

Eu sacudi a cabeça. A amizade que surgiu entre Edward e Seth era algo que ainda me perturbava. Era uma prova, porém, de que as coisas não tinham de ser daquele jeito. Que vampiros e lobisomens podiam conviver bem, obrigada, se quisessem.

Nem todo o mundo gostava disso.

— Ah! — disse Seth, a voz subindo uma oitava. — Hã, Leah chegou em casa.

— Ah! Tchau!

O telefone ficou mudo. Deixei-o no banco e me preparei psicologicamente para entrar em casa, onde Charlie estaria esperando.

Agora meu pobre pai tinha muito o que fazer. Jacob-o-fugitivo era só *um* dos fardos em suas costas sobrecarregadas: ele estava quase tão preocupado comigo, sua filha que mal era legalmente adulta e já ia se tornar uma senhora em alguns dias.

Caminhei lentamente pela chuva fina, lembrando-me da noite em que contamos a ele...

Ao ouvir a viatura de Charlie anunciando sua volta, de repente a aliança passou a pesar cinquenta quilos em meu dedo. Eu queria enfiar a mão esquerda num bolso, ou talvez sentar sobre ela, mas o aperto firme e frio de Edward a mantinha à mostra.

— Fique quieta, Bella. Por favor, lembre-se de que não vai confessar nenhum assassinato.

— Para você é fácil falar.

Ouvi o som agourento das botas de meu pai batendo na calçada. A chave chacoalhou na porta já aberta. O som me lembrou daquela cena dos filmes de terror em que a vítima percebe que esqueceu de passar a tranca na porta.

— Acalme-se, Bella — sussurrou Edward, ouvindo meu coração acelerar.

A porta bateu, e eu me encolhi como se tivesse levado um tiro.

— Oi, Charlie — disse Edward, inteiramente relaxado.

— Não! — protestei em voz baixa.

— Que foi? — sussurrou Edward.

— Espere até ele pendurar a arma!

Edward riu e passou a mão livre em seu cabelo desgrenhado cor de bronze.

Charlie virou no corredor, ainda de uniforme, ainda armado, e tentou não fazer uma careta quando nos viu sentados juntos no sofá. Ultimamente ele vinha se esforçando muito para gostar mais de Edward. É claro que aquela revelação daria um fim imediato e certo a esse esforço.

— Oi, meninos. Como estão as coisas?

— Gostaríamos de falar com você — disse Edward, muito sereno. — Temos uma boa notícia.

A expressão de Charlie foi da cordialidade forçada à desconfiança sombria em um segundo.

— Boa notícia? — resmungou Charlie, olhando diretamente para mim.

— Sente-se, pai.

Ele ergueu uma sobranceira, fitando-me por uns cinco segundos, depois foi até a cadeira reclinável e se sentou na beira, as costas retas feito uma tábua.

— Não fique nervoso, pai — eu disse depois de um momento de silêncio pesado. — Está tudo bem.

Edward fez uma careta, e eu sabia que era em objeção às palavras *tudo bem*. Ele teria usado algo como *maravilhoso*, *perfeito* ou *glorioso*.

— Claro que está, Bella, claro que está. Se tudo está tão bem, por que você está suando em bicas?

— Eu não estou suando — menti.

Então me afastei de seu olhar zangado e me encolhi junto de Edward, e por instinto passei as costas da mão direita na testa para eliminar as provas.

— Você está grávida! — explodiu Charlie. — Está grávida, não é?

Embora a pergunta claramente fosse dirigida a mim, ele agora fuzilava Edward com os olhos e eu podia jurar ter visto a mão dele procurar a arma.

— Não! É claro que não! — Eu queria dar uma cotovelada nas costelas de Edward, mas sabia que essa atitude só me provocaria um hematoma. Eu disse a Edward que as pessoas logo chegariam a essa conclusão! Que outro motivo haveria para pessoas sãs se casarem aos 18 anos? (A resposta dele me fez revirar os olhos. *Amor*. Sei.)

O olhar de Charlie se iluminou um pouco. Em geral, ficava muito claro no meu rosto quando eu contava a verdade, e ele então acreditou em mim.

— Ah! Desculpe.

— Desculpas aceitas.

Houve uma longa pausa. Depois de algum tempo, percebi que todos esperavam que eu dissesse alguma coisa. Tomada de pânico, olhei para Edward. Não havia como eu conseguir pronunciar as palavras.

Ele sorriu para mim, endireitou os ombros e voltou-se para meu pai.

— Charlie, eu sei que neste caso mudei a ordem das coisas. Por tradição, eu devia lhe pedir primeiro. Não é minha intenção desrespeitá-lo, mas uma vez que Bella já disse sim e eu não quero minimizar sua decisão a esse respeito, em vez de lhe pedir a mão dela, estou lhe pedindo sua bênção. Nós vamos nos casar, Charlie. Eu a amo mais do que tudo no mundo, mais do que minha própria vida, e... por um milagre... ela me ama da mesma forma. Você nos daria sua bênção?

Ele parecia tão seguro, tão calmo! Por um segundo, ouvindo a confiança absoluta em sua voz, tive um raro momento de *insight*. Pude ver, fugazmente, como o mundo olhava para ele. No intervalo de uma batida do coração, aquela notícia fez todo sentido.

Então vi a expressão de Charlie, os olhos agora fixos na aliança.

Prendi a respiração enquanto sua pele mudava de cor — do branco ao vermelho, do vermelho ao roxo, do roxo ao azul. Comecei a me levantar — não sabia bem o que pretendia fazer; talvez usar a manobra de Heimlich para ter certeza de que ele não estava sufocando —, mas Edward apertou minha mão e murmurou “Dê-lhe um minuto” tão baixo que só eu pude ouvir.

O silêncio dessa vez foi mais prolongado. Depois, aos poucos, tom por tom, a cor de Charlie voltou ao normal. Seus lábios e sobrancelhas franziram; reconheci sua expressão de “imerso em pensamentos”. Ele nos observou por um bom tempo, e senti Edward relaxar ao meu lado.

— Acho que não estou surpreso — grunhiu Charlie. — Sabia que logo teria de lidar com alguma coisa assim.

Eu expirei.

— Você tem certeza? — perguntou Charlie, olhando para mim.

— Estou cem por cento segura em relação a Edward — eu lhe disse, sem hesitar.

— Mas se casar? Por que a pressa? — Ele me olhou com desconfiança de novo.

A pressa se devia ao fato de que eu estava me aproximando do décimo nono aniversário a cada maldito dia, enquanto Edward permanecia paralisado em toda a perfeição de seus 17 anos, como acontecia havia mais de noventa anos. Não que esse fato significasse *casamento* em meu dicionário, mas a cerimônia era necessária em razão do acordo delicado e complicado que Edward e eu fizemos para finalmente chegar a esse ponto, à beira de minha transformação de mortal em imortal.

Não eram coisas que eu pudesse explicar a Charlie.

— Vamos juntos para Dartmouth no outono, Charlie — lembrou-lhe Edward. — Eu gostaria de fazer isso, bem, da maneira correta. Fui criado assim. — Ele deu de ombros.

Ele não estava exagerando; na época da Primeira Guerra Mundial, os costumes eram outros.

A boca de Charlie se retorceu. Procurando um ângulo de onde argumentar. Mas o que ele poderia dizer? *Prefiro que vocês vivam em pecado primeiro?* Ele era pai; suas mãos estavam atadas.

— Eu sabia que isso aconteceria — murmurou ele consigo mesmo, a testa franzida. Depois, de repente, seu rosto ficou perfeitamente vago e sereno.

— Pai? — perguntei com ansiedade. Olhei para Edward, mas tampouco consegui ler seu rosto enquanto ele observava Charlie.

— Rá! — Charlie explodiu. Eu estremeci no sofá. — Rá, rá, rá!

Fiquei olhando, incrédula, enquanto Charlie se dobrava de rir, o corpo todo sacudindo.

Olhei para Edward em busca de uma tradução, mas Edward estava com os lábios cerrados, como se ele mesmo tentasse reprimir o riso.

— Muito bem, então — disse Charlie, com a voz embargada. — Casem-se.

— Mais uma gargalhada sacudiu seu corpo. — Mas...

— Mas o quê? — perguntei.

— Mas é *you* quem vai contar à sua mãe! Não vou dizer uma só palavra a Renée! Isso é com você! — E explodiu em gargalhadas novamente.

Parei com a mão na maçaneta, sorrindo. É evidente que, na ocasião, as palavras de Charlie me apavoraram. A condenação final: contar a Renée, em cuja lista negra casar-se cedo era pior do que cozinhar filhotinhos de cachorro vivos.

Quem poderia prever a reação dela? Eu, não. Charlie, certamente, não. Talvez Alice, mas não pensei em perguntar a ela.

— Bem, Bella — dissera Renée depois de eu engasgar e gaguejar as palavras impossíveis: *Mãe, vou me casar com Edward*. — Estou um pouco chateada por você ter esperado tanto tempo para me contar. As passagens aéreas só vão ficando mais caras. Oooh — choramingara ela. — Acha que até lá Phil já vai ter tirado o gesso? Vai estragar as fotos se ele não estiver de smoking...

— Espere um segundo, mãe — eu dissera, ofegante. — O que quer dizer com esperar tanto tempo? Eu só fiquei no-no... — Fui incapaz de dizer a palavra *noiva*. — As coisas se ajustaram, sabe como é, hoje.

— Hoje? É mesmo? *Isto sim* é uma surpresa. Imaginei...

— O que você imaginou? *Quando* você imaginou?

— Bem, quando veio me visitar em abril, parecia que as coisas estavam bem costuradas, se me faço entender. Não é difícil ler seus pensamentos, meu amor. Mas eu não disse nada porque sabia que não faria nenhum bem. Você é igualzinha ao Charlie. — Ela havia suspirado, resignada. — Depois que toma uma decisão, não dá para argumentar com você. É claro que, exatamente como Charlie, você também se mantém firme em suas decisões.

E então ela dissera a última coisa que eu esperaria ouvir de minha mãe.

— Você não está cometendo o mesmo erro que eu, Bella. Você parece apavorada, e acho que é porque tem medo *de mim*. — Ela dera uma risadinha. — Do que eu vou pensar. E eu sei que disse muita coisa sobre casamento

e estupidez... e não vou retirar o que disse... mas você precisa entender que aquelas coisas se aplicavam especificamente *a mim*. Você é uma pessoa totalmente diferente. Você comete seus próprios erros e tenho certeza de que terá sua quota de arrependimentos na vida. Mas comprometer-se nunca foi um problema para você, meu amor. Você tem mais chance de fazer com que isso dê certo do que a maioria das pessoas de 40 anos que eu conheço. — Renée rira de novo. — Minha filhinha de meia-idade. Felizmente, você parece ter encontrado outra alma velha.

— Você não está... zangada? Não acha que estou cometendo um erro imenso?

— Bem, é claro que eu queria que esperasse mais alguns anos. Quer dizer, eu pareço bastante velha para ser sogra? Não responda. Mas não se trata de mim. Trata-se de você. Você está feliz?

— Não sei. Agora estou tendo uma experiência extracorpórea.

Renée dera uma gargalhada.

— Ele a faz feliz, Bella?

— Sim, mas...

— Algum dia vai querer outra pessoa?

— Não, mas...

— Mas o quê?

— Mas você não vai dizer que estou falando como qualquer outra adolescente apaixonada desde a aurora dos tempos?

— Você nunca foi adolescente, meu bem. Sabe o que é melhor para *você*.

Nas últimas semanas, inesperadamente Renée havia mergulhado nos planos do casamento. Passara horas ao telefone com a mãe de Edward, Esme — eu não tinha nenhum motivo para me preocupar se as duas famílias se entenderiam. Renée *adorava* Esme, mas eu duvidava de que alguém pudesse reagir de outra maneira à minha adorável quase sogra.

Isso me tirou de uma situação difícil. A família de Edward e a minha estavam cuidando das núpcias sem que eu precisasse fazer, saber ou pensar muito no assunto.

É claro que Charlie ficou furioso, mas o bom foi que ele não ficou furioso *comigo*. A traidora era Renée. Ele contava que ela bancasse a durona. O que ele podia fazer agora, quando sua ameaça suprema — contar à mamãe — tinha se revelado completamente inútil? Ele não podia fazer nada, e sabia disso. Então ele andava desanimado pela casa, resmungando coisas sobre não se poder confiar em mais ninguém neste mundo...

— Pai? — chamei enquanto abria a porta da frente. — Cheguei.

— Espere aí, Bells, fique onde está.

— Hein? — perguntei, parando automaticamente.

— Me dê um segundo. Ai, você me furou, Alice.

Alice?

— Desculpe, Charlie — respondeu a voz vibrante de Alice. — Como está isso?

— Estou sangrando.

— Você está bem. Não rompeu a pele... Confie em mim.

— O que está acontecendo? — perguntei, hesitando à soleira da porta.

— Trinta segundos, Bella, por favor — disse-me Alice. — Sua paciência será recompensada.

— Humpf — acrescentou Charlie.

Bati o pé, contando cada batida. Antes que chegasse a trinta, Alice disse:

— Tudo bem, Bella, entre!

Andando com cautela, entrei na nossa sala de estar.

— Ah! — eu bufei. — Ai. Pai. Você está tão...

— Bobo? — interrompeu Charlie.

— Eu estava pensando mais em *garboso*.

Charlie corou. Alice o pegou pelo cotovelo e o fez girar lentamente, a fim de mostrar o smoking cinza-claro.

— Agora pare com isso, Alice. Eu pareço um idiota.

— Alguém vestido por mim *já* vai parecer um idiota.

— Ela tem razão, pai. Você está incrível! Qual é a ocasião?

Alice revirou os olhos.

— É a última prova da roupa. Para os dois.

Afastei os olhos de meu habitualmente desleigante Charlie e pela primeira vez vi a temida sacola com a roupa branca colocada com cuidado no sofá.

— Aaah.

— Vá para seu refúgio feliz, Bella. Não vou demorar.

Respirei fundo e fechei os olhos. Mantendo-os fechados, subi aos tropeços a escada para meu quarto. Tirei a roupa e estendi os braços.

— Parece que vou enfiar farpas de bambu debaixo de suas unhas — murmurou Alice consigo mesma, enquanto me seguia.

Não prestei atenção nela. Eu estava em meu refúgio feliz.

Em meu refúgio feliz, toda a confusão do casamento tinha acabado. Ficara para trás. Já subjugada e esquecida.

Estávamos sozinhos, só Edward e eu. O ambiente era vago e se alterava constantemente — metamorfoseava-se de uma floresta enevoada em uma cidade nublada, em uma noite ártica —, pois Edward mantinha o local de nossa lua de mel em segredo para me fazer uma surpresa. Mas eu não estava muito preocupada com a parte do *onde*.

Edward e eu estávamos juntos, e eu cumprira à perfeição minha parte no trato. Havia me casado com ele. Essa era a parte maior. Mas também aceitara todos os seus presentes afrontosos e estava matriculada, embora inutilmente, para frequentar Dartmouth no outono. Agora era a vez dele.

Antes que ele me transformasse em vampira — sua parte maior no trato —, havia mais uma cláusula a cumprir.

Edward tinha uma preocupação obsessiva com as coisas humanas de que eu estaria abrindo mão, as experiências que ele não queria que me fizessem falta. A maioria delas — como o baile de fim de ano na escola, por exemplo — parecia tola para mim. Havia uma única experiência humana cuja perda me preocupava. É claro que era a única que ele queria que eu esquecesse completamente.

Mas aí estava a questão. Eu sabia um pouco como seria quando não fosse mais humana. Vira em primeira mão vampiros recém-criados e ouvira todas as histórias de minha futura família sobre aqueles primeiros tempos turbulentos. Por vários anos, minha principal característica pessoal seria a *sede*. Levaria algum tempo para eu poder ser *eu* de novo. E mesmo quando tivesse o controle de mim mesma, nunca me sentiria exatamente como me sentia agora.

Humana... e amando apaixonadamente.

Eu queria a experiência completa, antes de trocar meu corpo quente, frágil e cheio de feromônios por algo bonito, forte... e desconhecido. Eu queria uma lua de mel *de verdade* com Edward. E, apesar do perigo que ele temia que isso representasse para mim, ele concordara em tentar.

Eu só tinha uma vaga consciência de Alice e do cetim escorregando sobre meu corpo. Não me importava, naquele momento, que toda a cidade estivesse falando de mim. Eu não pensava no espetáculo que teria de estrelar muito em breve. Não me preocupava com tropeçar na cauda, rir na hora errada, ser nova demais, encarar os convidados, nem mesmo com o lugar vazio onde meu melhor amigo deveria estar.

Eu estava com Edward em meu refúgio feliz.